

Produção etnográfica e construção do conhecimento científico¹

Virgínia Henriques Calado

Centro em Rede de Investigação em Antropologia
Universidade do Minho
Portugal

RESUMO:

Partindo de alguns dos desafios atuais relativos à produção de etnografias e ao processo de construção do conhecimento em Antropologia Social e Cultural, reflete-se neste texto sobre o modo como numa investigação etnográfica específica, distante da tradicional circunscrição geográfica, foram encontradas soluções, em termos metodológicos, para analisar a temática em estudo (processo social ligado à divulgação da macrobiótica e práticas e representações em torno da mesma). Discute-se o processo de produção etnográfica, a construção de conhecimentos e a questão da validade científica.

PALAVRAS-CHAVE: etnografia, trabalho de campo, construção do conhecimento, validade científica.

ABSTRACT:

The aim of this paper is to reflect how in a specific process of ethnographic research, focusing in macrobiotics, some methodological problems were solved. It discusses the process of ethnographic production, construction of knowledge and the question of scientific validity.

KEYWORDS: ethnography; fieldwork; knowledge construction; scientific validity.

1. Desafios da abordagem etnográfica

Podemos recuar muito mais que apenas breves décadas para constatar que a investigação em Antropologia Social e Cultural se tem orientado para processos de pesquisa que em muito se afastam do tradicional modelo de investigação etnográfica legado por Malinowski (1975). Novos domínios de pesquisa e contextos de observação cada vez mais diversificados foram conduzindo a processos de reinvenção do trabalho de campo que se afastam daquela que foi a proposta pioneira – sustentada, é bom tê-lo presente, num contexto sociopolítico de matriz colonial. As transformações ocorridas foram de diversa natureza, sempre acompanhadas por reflexões teóricas, que colocaram em causa, por exemplo, o modelo da autoridade etnográfica, bem como a ideia de objetividade e rigor que muitos quiseram atribuir ao modelo fundador. De um ponto de vista epistemológico, tais reflexões recolocam, de forma aberta, o problema da “verdade” e da “validade científica” do conhecimento produzido, tal como referido por Wilson (2004).

A reflexão epistemológica em torno da questão da “verdade” está longe de ser uma questão menor. A procura da “verdade” e a crença de que ela é alcançá-

vel ou de que se pode “capturar o real” e apresenta-lo de forma coerente, subjazem a uma demanda que é constitutiva da própria atividade científica. A ela diversas disciplinas se submeteram e submetem, buscando um conhecimento que possa ser apartado do senso comum. Este afastamento, consubstanciado em técnicas de sistematização das observações, quantificações e deteção de regularidades, tem sido condição para a aquisição de autoridade em termos disciplinares e até para a afirmação da objetividade na produção de conhecimentos.

Quando Viegas e Mapril (2012, p.515) referem os posicionamentos face ao conhecimento antropológico implicados na proposta de Pina-Cabral relativa à produção etnográfica contemporânea, dão também conta de como a pesquisa deverá ser orientada para a procura da “verdade”. Seguindo Pina-Cabral, estes autores ao identificarem: i) a pesquisa de campo como um processo intersubjetivo; ii) a necessidade de “reintegrar e refundar os conceitos de «real», «verdade» ou «evidência»” (2012, p.515) e ao afirmarem iii) a necessidade de “tomarmos a mutualidade como condição para esta “verdade antropológica” (2012, p.515)

¹ Este artigo constitui uma versão modificada e acrescentada de parte da dissertação de doutoramento apresentada ao [Instituição] (Calado 2012). Dissertação financiada através de uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, participado pelo Fundo Social Europeu e por Fundos Nacionais do MCTES.

estão a demarcar-se das reflexões pós-modernas que tendiam a enfatizar a dimensão subjetiva inerente à pesquisa de campo. (2012, p. 515). Aceitando a proposta de Pina-Cabral de uma conceção do trabalho de campo fundada na mutualidade e intersubjetividade, atenta às especificidades da comunicação interpessoal (Pina-Cabral, 2008), estes autores enfatizam aspetos como a refundação do “real”, “evidência” e “verdade”. A sugestão implícita na tomada de posição apresentada é pois a de que é também necessário refundar a disciplina, reforçar os seus alicerces, para que as suas “evidências” e “verdades” continuem a ser merecedoras de credibilidade científica.

Não pretendendo enveredar, neste contexto, por uma discussão em torno do conceito de “verdade” ou por velhos debates em que empiristas e idealistas se digladiam, gostaria, todavia, de partir desta discussão para dar conta de uma investigação pessoal e das soluções que, durante o processo de pesquisa, fui encontrando para procurar um maior rigor na produção de conhecimento. Não tendo a veleidade de apresentar esse conhecimento como “objetivo”, e assumindo claramente a dimensão subjetiva e intersubjetiva do trabalho etnográfico, entendo mesmo que este tipo de trabalhos não deve ser desvalorizado pela assunção de limitações ou especificidades que apresentem. A procura da “evidência”, pela combinação entre vários contextos de observação, recurso a fontes de informação diversificadas e sistematização das observações, reúne um conjunto de aspetos que correspondem, ou deveriam corresponder, a uma busca de imparcialidade, rigor e de fundamentação. Estes são procedimentos científicos orientados para a “evidência” e “demonstração”, que surgem enquadrados por tradições intelectuais e científicas específicas e que, como tal, deveriam proporcionar, pelo menos à partida, uma autoridade particular. Não creio, no entanto, que o trabalho etnográfico habilite de forma particular a Antropologia Social e Cultural para o estabelecimento de pontes entre as dimensões subjetivas e objetivas tradicionalmente associadas às questões metodológicas, tal como sugerido por Wilson (2004).

Partindo de algumas das perplexidades com que se defronta hoje a Antropologia, sobretudo as que se ligam a questões epistemológicas e metodológicas, apresento seguidamente um conjunto de elementos relativos ao modo como desenvolvi pesquisa etnográfica sobre práticas e representações em torno da macrobiótica. Trata-se aqui, em certa medida, de procurar contrariar a ideia de que em antropologia há frequentemente uma omissão relativamente a questões metodológicas. Este exercício permite-me, por um lado, traçar alguns dos caminhos passíveis de serem seguidos nas etnografias atuais, etnografias que face aos novos domínios e contextos de investigação tiveram que redesenhar as suas formas de investigação (Marcus, 1995; 2006), deixando cair, frequentemente, velhos imperativos como o da “observação participante”. Por outro lado, este exercício permite-me evidenciar o quanto a procura de diferentes contextos e formas de observação para a análise de um mesmo fenómeno

no pôde, neste caso, contribuir para uma análise mais aprofundada e rigorosa, ainda que sem pretensões à “objetividade” ou à “verdade”. Não se tratou de buscar a “verdade” (conceito em que as aspas tão bem assentam, dada a densidade de que se reveste), mas de procurar validade e reconhecimento para a pesquisa etnográfica, condições sem as quais uma boa parte do conhecimento produzido em antropologia perde relevância do ponto de vista académico.

A pesquisa etnográfica encontra-se pouco orientada pela formulação de hipóteses de trabalho, tal como as vemos surgir noutras disciplinas das ciências sociais, como a psicologia ou a sociologia, tal não significa, contudo, que não possam ser definidas questões de partida e que estas não possam ser formalmente apresentadas como hipóteses, acontece, simplesmente, que tal procedimento não faz parte da tradição disciplinar da antropologia social e cultural, não se lhe reconhecendo uma particular vantagem em termos de abordagem da realidade social. Na linha deste raciocínio, pode até dizer-se ser uma falácia pensar que a formulação de hipóteses confere maior rigor ao trabalho desenvolvido.

Porém, o facto de não ser habitual a formulação de hipóteses, não significa que este tipo de estratégia não possa ser utilizado e justificado em certas circunstâncias. Tal não é, como dizia, uma preocupação para a qual se seja treinado no âmbito da abordagem etnográfica. Patriarca (2012) dá-nos conta de como a apresentação do seu projeto de trabalho, junto dos psiquiatras com os quais pretendia desenvolver a sua investigação, era objeto de interrogação e apreensão pelo facto de não ser conduzido por uma hipótese, como se tal retirasse, à partida, credibilidade do ponto de vista científico à sua investigação. Julgo que este tipo de reação é comum, e também eu fui interpelada diversas vezes, até em contextos académicos, no sentido de referir a hipótese e a amostra, elementos sem os quais o meu trabalho correria o risco de bater à porta da “validade científica” sem chegar a entrar. Não pretendo incorrer aqui numa discussão relativa às condições necessárias para que o estatuto científico de uma disciplina seja reconhecido, saliento, contudo, que a questão da “validade” do conhecimento produzido a partir do processo etnográfico se encontra mais dependente da sistematização das observações e do rigor procurados por cada investigador do que pelo estabelecimento de hipóteses – às vezes reduzido a um mero formalismo rotineiro.

2. Construção de um objeto etnográfico

A recolha de elementos para a pesquisa que atrás mencionei estendeu-se no tempo muito mais do que aquilo que é comum em investigações desta natureza. O meu interesse pela macrobiótica pode ser situado em 2001, quando, a partir das aulas de *yoga* que na altura frequentava, tive conhecimento de um curso de cozinha macrobiótica que decorreria em Braga. Dada a

atração que sentia pela alimentação enquanto domínio de investigação, este facto acabou por constituir um estímulo para que encarasse a macrobiótica como campo possível de pesquisa. No sentido de confirmar esta possibilidade, e também porque me interessava saber mais sobre a macrobiótica, acolhi a oportunidade de frequentar esse curso. Pode dizer-se que esta decisão procurava responder tanto a um interesse, ainda incipiente, por uma possível área de pesquisa, quanto à satisfação de uma curiosidade, algo dileitante, sobre um entendimento dos alimentos que me parecia algo exótico. Nessa altura, quando pensava em macrobiótica, pensava sobretudo em comida e, confesso, não pensava em comida saborosa. Intrigava-me o facto de se seguir aquela alimentação, e julgava que deviam existir, seguramente, boas razões de saúde, ou outras, muito fortes, para justificar tal opção. Para ser rigorosa, devo dizer que meu contacto inicial com a macrobiótica havia sido anterior a essa situação; datava, na verdade, dos finais dos anos 1980, da Cantina da Universidade de Lisboa. No entanto, muito embora existisse esse contacto prévio, o meu conhecimento sobre a macrobiótica era escasso, e essa minha experiência anterior com a “comida macrobiótica” não havia despertado, na época, um interesse que motivasse maior aprofundamento. Vários anos seriam volvidos para que a macrobiótica de novo me interpelasse, agora como potencial objeto de investigação académica.

Os primeiros passos para o desenvolvimento dessa pesquisa começaram assim a ser dados com o curso de cozinha em 2001-02 (108h). A frequência desse curso proporcionar-me-ia um contacto mais próximo com a visão do mundo proposta pela macrobiótica e com um conjunto de pessoas que se interessavam sobre esta forma de entendimento do mundo. Alguns desses contactos vinham já das aulas de yoga - o que sugeria afinidades entre as duas práticas - noutros casos, os participantes tinham-se interessado pela macrobiótica ao ponto de terem feito ou procurarem fazer dela atividade profissional e meio de sobrevivência. O desenvolvimento dessa investigação iniciou-se assim com um processo que viria a ser marcante no decurso de toda a pesquisa e que foi um processo de aprendizagem e formação na área da macrobiótica. A opção pela realização desse curso foi por mim pensada como podendo permitir-me aceder a uma visão distinta e algo distanciada sobre os alimentos, o corpo, a saúde, a doença, o mundo, e, também, como forma de estabelecer contactos com pessoas que tinham encontrado na macrobiótica significações expressivas.

Nessa primeira abordagem, não procurei nenhum direcionamento específico, em termos de investigação, procurando mais estar atenta às questões que podiam ser suscitadas a partir das minhas observações do que procurar respostas ou processos a partir de teorias ou questões previamente estabelecidas. Levando em consideração o posicionamento de Barth (2000) a propósito da investigação social, com a ênfase que este autor coloca na observação das situações de interação e no facto de a teoria dever ser erigida a partir das observações, parti para o terreno com abertura para,

através da observação de discursos e práticas sociais, identificar processos a partir dos quais podia analisar o que observava. Procurava, dessa forma, evitar a armadilha das pré-noções, ou seja, ir à procura de elementos que legitimassem formulações teóricas, ou apenas confirmar o que sabia ou julgava saber. Neste sentido, o meu posicionamento inicial foi muito mais o de “observar” e “ouvir o terreno”, do que “fazê-lo falar” a partir de questões ou olhares previamente estabelecidos (Weber, 2009). Acreditando que na pesquisa social, mais importante do que adotar uma orientação clássica, e usar a teoria como “função de comando” (Almeida, Pinto, 1986), era desenvolver uma investigação que, através da observação das práticas sociais e das situações de interação, me permitisse a interpelação de quadros teóricos existentes ou, caso necessário, a construção de outros, procedi a uma recolha de informação mais intensiva e extensiva do que orientada por perguntas específicas e problemáticas claras e bem delimitadas. Existia, evidentemente, uma preocupação em conhecer melhor aquele universo e as razões que levavam a que as pessoas se interessassem pela macrobiótica, mas tal estava equacionado de forma vaga. Com este tipo de atitude face à pesquisa, procurei encontrar contextos de observação diversos, a partir dos quais pudesse observar recorrências, processos, elementos sinalizadores, que pudessem reconduzir-me à teoria social. Julgando que a “realidade” (dimensão socialmente construída) não deveria ser tomada como uma adequação à teoria, optei pois por “deixar o terreno falar”. Esta decisão não implicava, de forma alguma, desdém pela teoria, tratava-se sobretudo de procurar chegar a ela como consequência da observação empírica e não por a tomar como “uma força de comando”.

Este modo de proceder, a ressoar algo da *grounded theory*, ainda que nunca tivesse sido meu propósito aplicá-la, esteve longe de ser uma opção que mantivesse no decurso de toda a pesquisa. Logo me dei conta de que sem a convocação de questões teóricas o terreno podia ficar mudo, num silêncio perturbador. Pode dizer-se que isto conduziu à reformulação da minha postura inicial: mais do que evitar a teoria, a atitude que se me afigurava como mais prudente era assim a de a convocar, mas com inteira disponibilidade para alterar perspetivas e rever, quando necessário, eventuais enquadramentos. Acabei por considerar que a questão da “função de comando” da teoria não devia ser vista como orientação clássica a desprezar, nem vista como impedindo novas perspetivas sobre a realidade, dado ser encarada como estando sobretudo orientada para apenas encontrar aquilo que se procura. Partir da teoria pode ser frutuoso quando esta é perspetivada como ponto de partida e de retorno, é esse exercício que permite validá-la, reelaborá-la ou abandoná-la caso deixe de surgir como instrumento significativo de interpretação da realidade. Mesmo que a teoria possa ter uma função de comando numa fase inicial, no final o que deve prevalecer é a relação dinâmica entre teoria e elementos recolhidos. É esse dinamismo entre aspetos de natureza empírica e as-

petos de natureza teórica que julgo que permitirá uma visão mais esclarecedora sobre aquilo que se pesquisa.

Ainda que procurasse orientar-me no terreno com relativa abertura, evitando tornar-me refém de alguma teoria em particular, percebi, na prática da investigação, aquilo que desde há muito lia e ouvia, a impossibilidade de fazer *tabula rasa* da informação adquirida, servindo-me esta, de forma nem sempre consciente, como ferramenta de leitura do terreno. Apesar de reconhecer no processo de investigação o exercício de uma *subjetividade* particular e de *intersubjetividade*, tal como proposto por Pina-Cabral (2008) e explorado num volume recente da revista *Etnográfica* (vol. 16, nº 3 de 2012), não é possível ignorar que nesse processo contam aspetos que decorrem da formação disciplinar. Ainda que estes se combinem com mecanismos de percepção e intuição que escapam a um universo estritamente científico, nada disto significa, porém, uma obliteração da preocupação com o rigor e com o carácter científico, nem justificam que no resultado do processo de investigação se fique a saber mais sobre o investigador do que sobre o que foi pesquisado. No caso concreto deste trabalho e nos elementos que convoco para desenvolver esta pesquisa, sejam eles a informação obtida a partir de diversos contextos de observação, da pesquisa documental ou de relatos de diferentes intervenientes nesse processo, há uma procura de diversificação que visa um conhecimento rigoroso e aprofundado sobre as práticas em torno da macrobiótica. Se é pela preocupação com o rigor, fundamentação e demonstração que se torna possível distinguir o conhecimento científico de outros modos de conhecimento, devo dizer que tais critérios estiveram sempre presentes. As inevitáveis lacunas são o terreno fértil para acrescentar algo mais a este tipo de investigações.

“Observar”, “escutar”, “estar com”, tal como proposto por Weber (2009), foram procedimentos a que procurei recorrer para saber mais sobre as práticas e representações associadas à macrobiótica. Seguindo esta autora, aquilo de que nos apercebemos quando observamos e escutamos é quase sempre muito mais do que quando colocamos questões. Não pretendo com isto dizer que contactos mais orientados, como situações de entrevista ou conversas estabelecidas a partir de um guião, não sejam úteis, também a eles recorri, mas há efetivamente um maior potencial, em termos de conhecimento, numa situação menos encenada e em que nos podemos colocar como meros observadores ou intervenientes em processos em que não somos considerados elementos externos. Esse maior potencial não se limita a fórmulas narrativas, traduz-se também na possibilidade de uma análise mais distanciada e menos comprometida, ou seja, que possibilite, à partida, um maior rigor científico. A abordagem etnográfica, pela sua preocupação com um olhar mais continuado e mais próximo, permite, na verdade, encontrar relações e desvendar mecanismos que outros processos de recolha de informação nem sempre permitem encontrar. Um trabalho de terreno intensivo e menos orientado tem sobre outras técnicas a vantagem de poder mais

facilmente aceder a dimensões e relações de que nunca se poderia suspeitar com o uso de instrumentos como o inquérito por questionário. O facto de nem todos os fenómenos terem a mesma visibilidade social e de alguns não se revelarem de forma clara e oficial, torna este tipo de abordagem particularmente eficaz no conhecimento de certas dinâmicas sociais. Efetivamente, e usando a pesquisa desenvolvida como ponto de referência, apenas a participação nos cursos de formação tornou possível a apreensão de estratégias discursivas de divulgação que, frequentemente, instrumentalizavam a biomedicina e as Ciências da Nutrição. Para além deste aspeto, uma abordagem de cariz etnográfico facilita, efetivamente, o confronto entre o que se diz e o que se faz, contribuindo assim para um maior rigor do ponto de vista analítico. “Confrontar o que se diz com o que se faz ou pensa” não deverá ser uma dimensão a subestimar, dada a importância deste exercício na “desocultação” de muitos processos. É certo que pode ser visto como um axioma muito difundido a propósito da abordagem etnográfica, tal como Viegas e Mapril referem (2012, p. 515), mas julgo existir algum exagero na afirmação de que «confrontar o que se diz com o que se faz ou pensa» esteja amplamente difundido como propósito final da antropologia.

Algumas das questões centrais da minha pesquisa acabaram por advir, efetivamente, da realização de trabalho de terreno. Apenas com o decorrer do tempo, a importância da formação e a questão da relação dinâmica entre discursos associados à macrobiótica e discursos ligados às Ciências da Nutrição e Biomedicina se tornariam dimensões prementes na investigação. Seria também pelo contacto com indivíduos ligados à macrobiótica, e com a formação específica nesta área, que me aperceberia da existência de diferentes modos de praticar a macrobiótica: alguns, mais conservadores, e também mais afastados da formação, sustentando-se numa leitura restrita dos ensinamentos de Ohsawa (fundador da macrobiótica moderna) e outra, mais atualizada, onde a alimentação não era seguida de forma tão rígida e onde as modificações alimentares iam sendo feitas de forma gradual. Seria também através do contacto com os meus colegas que viria a aperceber-me de que a prática da macrobiótica pode ser muito diferenciada de acordo com os indivíduos implicados e com a situação em que se encontram. Indivíduos com problemas de saúde específicos podem estar mais dispostos a fazer grandes transformações alimentares e a seguir regimes mais estritos.

A diversidade de contextos de recolha de dados para esta pesquisa foi fazendo com que múltiplas vozes se cruzassem. Do formador ao formado; do vendedor ao praticante; do indivíduo que adota a macrobiótica por razões de saúde ao outro que a vê como meio para “ganhar a vida”; do indivíduo que procura seguir com rigor todas as recomendações ao outro que está sobretudo interessado na dimensão filosófica da macrobiótica, muitas são as formas de dar uso à macrobiótica.

Na recolha de elementos para a pesquisa que desenvolvi não foram necessárias grandes negociações e renegociações sobre a minha posição no terreno, ain-

da que ciente da importância desses atos. O contexto de formação ou a minha presença no Campo de Verão não eram, na verdade, contextos em que pudesse ser vista como intrusa; era apenas mais alguém que estava interessado pela macrobiótica, apesar da minha declaração de interesses. Desde o início deixei claro que me encontrava a desenvolver uma investigação académica sobre a macrobiótica e fui falando sobre este trabalho com muitos dos meus colegas de curso, mas não julgo que tenha sido vista como alguém exterior ao grupo. Encontrava-me ali por razões tão aceitáveis como tantos outros. Por outro lado, também me pareceu que o trabalho que me encontrava a desenvolver chegava a ser visto como algo que necessitasse da formação que ali era proporcionada. Julgo ter beneficiado, portanto, de um estatuto de paridade no seio do grupo em que me encontrava inserida, é que, na verdade, a minha condição, em termos sociais, tinha muitas semelhanças com muitos dos indivíduos que observava.

Em qualquer trabalho de investigação é necessário gerir proximidades e distanciamentos. Por um lado pretende-se a confiança dos interlocutores e a possibilidade de uma observação mais próxima, e, por outro, procura-se evitar um envolvimento excessivo, impeditivo do necessário distanciamento para uma observação mais imparcial. No caso desta investigação, a gestão desta dimensão acabou por ocorrer mais na fase de reflexão e escrita do que no contexto de interação social. O modo como me envolvi com muitos dos indivíduos que contactei não foi meramente casual e pontual, nem intenso num momento para depois se ir esbatendo à medida que me ia distanciando do trabalho de terreno. Alguns desses indivíduos passaram a fazer parte do meu universo de relações e houve um significativo envolvimento da minha parte com a macrobiótica. Contudo, a escrita acabou por ter um papel mediador face a esses mesmos indivíduos. A atitude reflexiva inerente a esse processo acabou por contribuir para o desencadear da gestão dessas proximidades e distanciamentos. Sobre o meu envolvimento com esta pesquisa, devo dizer que numa primeira fase, perante a novidade da experiência alimentar, eu própria cozinhei e segui uma alimentação próxima dos princípios defendidos na macrobiótica, todavia, rapidamente passei a fazer uma seleção de acordo com critérios menos macrobioticamente centrados. Muitas das aprendizagens que fiz foram relevantes e algumas delas ainda as utilizo na hora de escolher e preparar alimentos, integrando assim a experiência da observação e do trabalho de terreno na minha vida, aspeto que numa fase de conclusão do trabalho me reconduziu para uma conversa ocorrida numa fase inicial da investigação e que chamava a atenção para o facto de haver investigadores que transformavam a sua pesquisa sobretudo em dados, enquanto outros a convertiam numa experiência marcante.

3. Percursos de um processo etnográfico: lugares, pessoas, coisas

A abordagem adotada nessa investigação foi, pois, uma abordagem qualitativa e intensiva, característica da abordagem etnográfica. A recolha de elementos a partir dos quais foi elaborado esse trabalho ocorreu em diversos espaços de observação, estando, contudo, particularmente enquadrado nas sessões de formação na área da macrobiótica e naqueles que frequentaram essas sessões. Houve também contactos e entrevistas em profundidade com indivíduos que se encontravam desligados desses contextos, mas foi sobretudo no âmbito que referi que a informação foi recolhida. A pesquisa teve início em 2001, mas a recolha mais intensiva de elementos ocorreu entre 2005 e 2009, altura em que esta pesquisa passou a estar institucionalmente enquadrada e, também, altura em que iniciei uma recolha mais sistematizada de dados a partir do Instituto Macrobiótico de Portugal (IMP).

Lisboa e Braga foram os contextos geográficos escolhidos para a realização deste trabalho. Tal opção, no caso de Braga, deveu-se mais à circunstância de morar nesta cidade, tendo sido um critério diferente que me levou a escolher Lisboa. Na verdade, o facto de o IMP se encontrar sediado nesta cidade, e de ser a partir desta instituição que se estrutura muita da atividade desenvolvida em Portugal na área da macrobiótica, tornou Lisboa num contexto incontornável nesta análise. Devo realçar, aliás, que o curso de cozinha macrobiótica que frequentei em Braga conferia diplomas certificados pelo IMP. Tratou-se, portanto, de uma atividade que era uma extensão daquilo que se fazia em Lisboa, tendo também a formadora realizado a sua aprendizagem no IMP. Esta circunstância acabou por ganhar relevo com o decurso da investigação e com a avaliação do modo como foi sendo divulgada a macrobiótica na Europa e nos EUA. Um processo de disseminação, que, tal como refiro no trabalho desenvolvido (Calado, 2012), foi ocorrendo em diferentes contextos, de forma relativamente isolada, ainda que sustentado por uma rede que rapidamente se foi expandindo. Também Braga surge nesse processo, tendo nascido, a partir dessa atividade, novos cursos de cozinha, dinamizados por indivíduos que entretanto conheci nesse curso. O mesmo movimento levou ao surgimento de dois restaurantes a partir das atividades iniciais, sugerindo um efeito de contágio.

Após a frequência do curso de cozinha em 2001-02 - curso que decorreu entre Outubro e Julho - um fim de semana por mês entre as 10h e as 18h - e seguindo a trajetória de muitos dos que se começam a interessar por estas áreas, acabei por frequentar um curso de *zen shiatsu*², também ele realizado em Braga e frequentado por alguns dos meus colegas do curso de cozinha. Esse curso organizou-se em dois níveis e em dois anos distintos. Assim, em 2003-04, de Setembro a Julho, frequentei o nível I, um curso de 160h, com duas aulas

² Técnica em que é utilizada sobretudo a pressão dos dedos sobre o corpo para estimular a energia *ki*, que, supostamente, circula através de canais específicos ou meridianos. Pode também ser utilizada a palma da mão, os cotovelos, os joelhos ou os pés, para um diferente tipo de pressão.

por semana entre as 20h e as 22h. E em 2004-05, o nível II, entre Outubro e Julho, com uma aula semanal, aos sábados, entre as 14.30 e as 18h, num total de 144 horas.

A frequência deste curso acabou por ocorrer por extensão à frequência do curso de cozinha macrobiótica, como dizia. Foi aí que tive oportunidade de constatar que a prática da macrobiótica se relacionava com outras atividades terapêuticas como o *shiatsu*, a *moxabustão* e a massagem *Do in*³. Na verdade, estas atividades tinham uma tal inter-relação que surgiam como integrando um mesmo quadro de ensinamentos e de abordagem/intervenção sobre o corpo, sendo que uma formação mais completa na área da macrobiótica implicava também esse tipo de conhecimentos. Nessa medida, saber mais sobre *shiatsu* surgia como possibilidade não apenas de seguir um percurso que é habitual neste tipo de formações e acompanhar esse processo, mas também como forma de complementar os conhecimentos adquiridos no curso de cozinha e de aceder a uma visão sobre o corpo que é vista, afinal, como constituindo um importante suporte às intervenções sobre o corpo efetuadas a partir da macrobiótica. No decorrer do curso de cozinha, um dos formadores havia já transmitido algumas noções sobre a energia *ki*, sobre *shiatsu*, e sobre uma visão do corpo a partir dos meridianos, de tal forma que tais temáticas surgiam como dimensões a aprofundar.

No contexto desse trabalho, não desenvolvi uma análise aprofundada do que aí se ensinou, apenas mencionei aspetos que considerei relevantes para o desenvolvimento da argumentação. Importa sublinhar, no entanto, a permeabilidade entre estes diferentes cursos, e o modo como esse facto favoreceu a minha investigação. A possibilidade de um contacto mais estreito com aqueles que frequentavam o curso de *shiatsu* e que também se encontravam próximos da macrobiótica foi relevante. Por outro lado, é de assinalar, que alguns dos que desconheciam a macrobiótica, acabaram por vir a adotá-la, dado que também a alimentação foi um dos conteúdos abordados no curso de *shiatsu*. É possível observar, na verdade, uma relação estreita entre estas áreas, sendo que, muito frequentemente, umas implicam as outras. No caso do curso de *shiatsu*, pude constatar que havia uma maior presença masculina, ainda que as mulheres aí fossem predominantes.

Da mesma forma que alguns dos indivíduos que haviam frequentado o curso de cozinha macrobiótica foram para o curso de *shiatsu*, também alguns dos que frequentaram estes cursos ingressaram no Curso Curricular de Macrobiótica no IMP. Era assim possível observar uma “rede de formação” na qual se moviam diversos dos indivíduos contactados. Nos anos letivos 2005-06; 2006-07; 2007-08, frequentei o curso curricular

de Macrobiótica Michio Kushi, um curso organizado em três níveis e que se destinava a conferir uma formação geral na área da macrobiótica. Este curso foi lecionado um fim de semana por mês, das 10h às 18h ao longo dos três anos. Contou com a presença de vários formadores, nacionais e estrangeiros, e incidiu em domínios tidos como fundamentais para que se desenvolvesse uma atividade como conselheiro ou consultor na área da macrobiótica. Os conteúdos de formação iam dos aspetos filosóficos contidos na abordagem que a macrobiótica faz do mundo, a classificações *yin* e *yang*, e aulas de cozinha. Pelo meio surgiam ainda aulas de *shiatsu*, de diagnóstico visual, de anatomia, de confeção de remédios caseiros, de aplicação da teoria das cinco transformações na abordagem do corpo..., enfim, o “núcleo duro” daquilo que são considerados os ensinamentos básicos para que se possa atuar nesta área. O curso era frequentado maioritariamente por pessoas que residiam em Lisboa ou arredores, mas também por indivíduos que vinham de outros pontos do país para frequentar este curso – inclusive da Madeira, de onde uma aluna se deslocava mensalmente para adquirir essa formação. Havia também estrangeiros a frequentar o curso, sobretudo no terceiro nível. Nesse ano a presença de espanhóis foi muito significativa. Neste sentido, o IMP funcionava, e continua a funcionar, como centro de divulgação a partir do qual se processa a disseminação de conhecimentos nesta área.

Dada a importância do IMP enquanto centro de formação, as minhas observações acabaram por se centrar de forma particular nesta instituição. Havia várias vantagens neste tipo de procedimento, por um lado tinha acesso a um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos que permitiam identificar de forma mais adequada a macrobiótica e as suas práticas, e, por outro, permitia-me um contacto próximo com indivíduos para quem a macrobiótica correspondia a uma orientação com algum significado. Se havia pessoas que já praticavam a macrobiótica há algum tempo, outras havia que se mostravam pouco informadas sobre tal prática. Os contactos que estabeleci não se limitaram, como disse, às pessoas que fui conhecendo no contexto desses cursos, mas a maior parte esteve ligada a eles.

Em concomitância com os cursos que fui frequentando, fui assistindo a palestras e conferências sobre esta temática, tendo tido oportunidade de assistir a duas conferências de Michio Kushi (um dos mais conhecidos divulgadores da macrobiótica) em Lisboa, uma ainda em Novembro de 2002 e outra em Dezembro de 2005. Ao mesmo tempo ia descobrindo lugares de abastecimento e de consumo (sobretudo lojas e restaurantes) que sustentavam a prática macrobiótica, quer em Braga, quer em Lisboa. Tive ainda a oportunidade de participar em diversos “Programas Residenciais” (programas de formação organizados habitualmente em quintas, onde se promove o ensino e troca de aprendizagens num ambiente mais informal) que surgiam integrados nos cursos de formação e que eram também uma oportunidade para estabelecer

³ A *moxabustão* é uma técnica em que é utilizado o calor, conseguido através da combustão de folhas secas de artemísia (*moxa*), sobre os pontos de acupunctura. Tem como finalidade a estimulação da energia *ki*. O *Do In* é uma técnica de auto-massagem que procura igualmente activar a energia *ki*.

contacto com alunos de outros anos e, até, com indivíduos que não se encontravam ligados ao IMP enquanto alunos, mas que tinham afinidade com algumas das pessoas que aí se encontravam e com o tipo de práticas proporcionadas pelo instituto. Esses momentos correspondiam a períodos de formação intensiva em que num ambiente de maior proximidade e cumplicidade era promovida a aprendizagem.

A centralidade do IMP (mesmo em termos de localização, em plena Baixa-Chiado), reconhecida fora do país (nesse sentido se pronunciaram alguns dos formadores estrangeiros que contactei), viria ainda a proporcionar a realização de seminários internacionais com professores e profissionais na área da macrobiótica. Estes momentos foram importantes para compreender as ligações internacionais que existem entre os muitos centros de macrobiótica que se encontram espalhados pelo mundo e faziam pensar na existência de uma *comunidade transnacional*. Deparava-me aqui, efetivamente, com um modo de comunicar e constituir comunidade que extravasava a noção de território. A macrobiótica surgia, na verdade, como objecto *desterritorializado*, a exigir uma análise relativa ao modo como circulavam conhecimentos, pessoas, mercadorias, tal como sugerido por Marcus (1995), e atenta ao modo como, através das muitas redes sociais, diferentes indivíduos se interconectavam e pareciam criar *comunidade*. Esses momentos constituíram ainda possibilidades de reflexão sobre o “movimento macrobiótico” e rumo que este deveria seguir. O facto de o director do IMP ter feito a sua formação nos EUA e manter contacto com muitos desses centros, também contribuiu, certamente, para essa maior internacionalização do IMP.

Para além do IMP que, dentro da macrobiótica, se situava numa linha muito próxima da de Michio Kushi, procurei ainda prestar atenção a alguns outros centros de divulgação, tendo tido alguns contactos com o responsável pelo Centro Europeu do Princípio Unificador, centro associado ao restaurante “Tao” em Lisboa, também ele dedicado à divulgação da macrobiótica. Esse contacto destinou-se essencialmente a observar continuidades e divergências relativamente ao IMP, dado que esse centro se afirmava mais próximo de Tomio Kikuchi (discípulo de Ohsawa que, a partir do Brasil, divulgaria a macrobiótica) do que de Michio Kushi. O responsável pelo Centro Europeu do Princípio Unificador, reivindicava, de facto, ainda uma maior proximidade em relação a Ohsawa do que a Michio Kushi. Muito embora tenha acabado por não me centrar, no decurso desse trabalho, na análise de eventuais divergências entre estes dois centros existentes em Lisboa, ficou claro que representavam formas de atuação independentes, surgindo como evidente que o IMP constituía, de entre ambos, o polo de atração mais significativo.

O Espaço para refeições do IMP, os restaurantes “Tao”, “Espiral”, “Yin-yang”, “Colmeia”, “Cantina da Universidade de Lisboa”, restaurantes “Semente” e “Alfacinha” em Braga, foram lugares por onde me movi, sozinha ou acompanhada por colegas, procurando familiaridade com estes contextos, de forma a

observar de que modo estava a ser posta em prática a cozinha macrobiótica⁴. Os contactos foram tão numerosos ao longo destes anos que não os indico de forma absoluta, embora calcule ter contactado cerca de uma centena de indivíduos. Estes contactos tiveram, evidentemente, graus de intensidade muito diferente, em alguns casos resumindo-se a encontros rápidos, ou mesmo a um único encontro, com uma entrevista relativamente formal, enquanto noutros houve um contacto muito mais continuado. Em termos gerais, vale dizer que os meus colegas dos diferentes cursos, bem como os respetivos formadores, tiveram um peso bastante maior no contributo que deram para a realização dessa pesquisa.

Para além dos restaurantes, os espaços de venda de bens alimentares, bem como de outros produtos associados à macrobiótica, foram também lugares que frequentei e onde acompanhei alguns dos meus colegas. Lugares de venda de produtos biológicos como o “Mercado do Príncipe Real”, a “Biocoop” ou a “Miosótis”, em Lisboa, ou a “Biobrássica”, em Braga, foram também lugares que frequentei como consumidora e onde pude estabelecer contactos, quer com vendedores quer com outros consumidores. A estes espaços há ainda a acrescentar outros idênticos, como as lojas “Celeiro” e “Jardim Verde”, o espaço de vendas do IMP, e outros associados ao funcionamento de alguns dos restaurantes que referi.

Sabendo que um dos principais pontos de encontro e de convívio de alguns dos que seguem a macrobiótica, ou têm alguma afinidade com esta prática, são os Campos de Verão passei também uma parte do mês de Agosto de 2008 no Monte Mariposa (Tavira - Algarve) onde costumam ser feitos estes encontros. Também aí tive oportunidade de um contacto mais próximo com certos indivíduos, numa situação de maior informalidade. Alguns estrangeiros participavam nesse Campo de Verão, que pode ser descrito como lugar polivalente, onde se podia desfrutar de comida macrobiótica, ter aulas de cozinha, ouvir palestras sobre temas ligados à macrobiótica, fazer aulas de *yoga* ou outra modalidade com afinidade com a macrobiótica, ir à praia, fazer uma consulta de orientação alimentar ou algum tipo de massagem, em suma, um lugar que proporcionava umas férias ativas (tal como proposto em muitos outros programas de férias) e onde várias pessoas se reencontravam todos os anos. Para alguns participantes tratava-se de um primeiro contacto com a macrobiótica e em alguns casos esse contacto veio a despertar um maior interesse por esta área, conduzindo à realização de cursos de formação.

Uma outra parte importante deste trabalho viria a desenvolver-se em contexto de consultório de orientação alimentar/social na área da macrobiótica. Aqui o contexto seria um contexto clássico de interação entre

⁴ Não analiso aqui essas observações, mas a frequência desses lugares, sobretudo quando acompanhada, permitiu muitas conversas sobre a prática da macrobiótica e as muitas dificuldades em a cumprir a “100%”.

consultor e consulente, em que sob pretexto de uma doença, ou algum tipo de queixa, era desenvolvido um diagnóstico e apresentado um processo de cuidados e tratamento. Tratava-se aqui, sobretudo, de pôr em prática a vertente de orientação alimentar da macrobiótica e também a sua dimensão terapêutica, de acordo com a sua representação específica sobre o corpo e a saúde. Os processos de tratamento incidiam sobretudo em questões alimentares. Neste espaço fui assistente do consultor, cabendo-me sobretudo as funções de observação e de anotação das recomendações alimentares que eram dadas no final da consulta. Procedi ao registo de 50 situações de consulta, aspeto que foi relevante para analisar a macrobiótica enquanto dimensão terapêutica.

A acrescentar a esta diversidade de contextos de recolha de informação, devo ainda referir que, no decurso desta pesquisa, foram analisados dois processos judiciais, existindo, em ambos, uma intervenção do Estado motivada por decisões que implicavam a macrobiótica. Num dos casos, tratava-se de um processo que tinha sido iniciado por se suspeitar de negligência parental, dado que os pais tinham decidido não vacinar o filho (decisão que decorreria da ligação à macrobiótica e das objeções que no seu âmbito são feitas relativamente à vacinação⁵) e, no outro caso, de um processo de efetiva retirada dos filhos a seus pais por ter havido suspeita de incompetência parental. Este segundo caso teve também na origem a decisão de não vacinar os filhos (os pais também estavam ligados à macrobiótica), atitude que, mais tarde, levaria ao abandono escolar e, posteriormente, à retirada da tutela dos filhos. Este caso, ainda que não analisado com detalhe no contexto dessa investigação, foi ilustrativo das consequências inesperadas de tomadas de ação que podemos perspetivar como marginais ou minoritárias, facilmente suscetíveis de levantar suspeitas e desconfianças.

Para a caracterização sociográfica dos indivíduos contactados com ligação à macrobiótica, recorri, sobretudo, à consulta de arquivos do IMP relativos ao registo dos alunos. O facto de, na altura da inscrição, ser preenchido um documento de identificação com algumas questões de ordem pessoal, permitiu uma identificação mais rigorosa dos mesmos.

*

Este conjunto de contextos, que podemos considerar *multi-situados* (Marcus 1995), constituiu a principal fonte de informação para a realização dessa investigação. Muitos dos elementos que resultaram das observações efetuadas acabaram por não ser diretamente mobilizados para a pesquisa, dado que não se ligavam, de forma evidente, às linhas argumentativas com que o trabalho foi sendo construído. Considero, contudo, que esse não foi um trabalho vão, pois aca-

bou por proporcionar uma visão mais ampla sobre a prática da macrobiótica, permitindo uma reavaliação das preocupações que orientavam o trabalho no início, reequacionando-as. Neste sentido, foi sobretudo pela relação dinâmica entre teoria e observação/recolha de informação que este trabalho foi sendo (re)pensado e construído.

Regressando aos desafios colocados à antropologia, a que aludi no início deste texto, devo referir que as decisões tomadas no trabalho desenvolvido, em termos de pesquisa, me conduziram à observação de pessoas em diferentes contextos e ao modo como circulavam entre eles. Com elas circulavam ideias, objetos, mercadorias (*coisas* que se relacionavam com a macrobiótica), elementos que permitiam um conhecimento mais aprofundado de como se dava suporte a uma rede tecida a partir da macrobiótica, uma rede difusa, fluída, pouco estável, mas estabelecida a partir da comunhão de alguns interesses com força suficiente para levar à frequência dos mesmos lugares. Estes *loci* de observação corresponderam a uma certa heterodoxia do ponto de vista de uma etnografia mais tradicional (mais centrada no lugar do que na dispersão geográfica) mas foram a solução encontrada para procurar uma análise mais informada e sustentada. Serviram, pois, no fundo, uma intenção muito ortodoxa em termos de construção do conhecimento. Tal significa, num certo sentido, que, independentemente das novas questões e das novas formas de recolha de informação requeridas para as mesmas, o modo de validação do conhecimento científico continua a depender, no essencial, dos mesmos critérios – saturação como prova de verdade; neutralidade e distanciamento na observação; instrumentos metodológicos validados pela tradição disciplinar.

Perspetivo hoje a opção pela diversificação dos contextos de observação como algo que poderá ter também resultado do treino numa certa formação disciplinar – a Antropologia Social. À distância, dir-se-ia que os vários lugares e instâncias que fui percorrendo, procuravam, de algum modo, satisfazer um desejo obscuro e, como tal, não explicitado, de conhecimento do fenómeno na sua totalidade, como se fosse movida pelos velhos ensejos que orientaram muita etnografia produzida no passado. Muito embora esteja ciente, como anteriormente estava, da impossibilidade de tal empreendimento, procurava, através dos diferentes lugares que ia percorrendo, superar, através da diversificação de fontes, as dificuldades de uma experiência etnográfica que sentia como parcial e truncada, procurava resolver, afinal, o problema do *trabalho de campo*. Um quase imperativo de ordem ética, algures inculcado no processo de formação disciplinar, e que se prendia com a questão da *autoridade etnográfica*, conduzia-me para uma observação tão extensiva quanto possível do fenómeno que observava. Terá estado aí presente, provavelmente, um ideal de descrição abrangente, associado à interpretação holista, tal como é referido por Pina-Cabral (2006), mas só mais tarde tive uma consciência clara desse processo. Decorre desta tomada de consciência a constatação de que por mais

⁵ Noutro trabalho analiso posicionamentos face à vacinação no âmbito das práticas ligadas à macrobiótica (Calado, 2011)

metropolitanos e fluidos que possam ser os objetos de estudo analisadas, o modo como são elaborados e perspetivados fica muito a dever-se ao campo disciplinar em que são pensados e à tradição intelectual em que se inserem.

Referências bibliográficas

- Almeida, J. Pinto, J. (1986), "Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais". In A. Silva e J. Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.
- Barth, F. (2000). *O Guru, o Iniciador e outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Calado, V. (2011), "«Vacinas, só em caso de epidemia ou de risco grave!»: Macrobiótica e Resistência à Vacinação". In M. Cunha e J-Y Durand (orgs). *Razões de Saúde. Poder e Administração do Corpo: Vacinas, Alimentos, Medicamentos*. Lisboa, Fim de Século, pp. 161-180.
- Calado, V. (2012), «À mesa com o universo», *a proposta macrobiótica de experiência do mundo*. Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Malinowski, B. (1975). *Los argonautas del Pacífico Occidental*. Barcelona: Ediciones Península.
- Marcus, G. (1995), Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*. 24: pp. 95-117.
- Marcus, G. (2006), Where have all the tales of fieldwork gone?. *Ethnos*. 71 (1): pp. 113-122.
- Pina-Cabral, J. (2006), "Reflexões finais" in A. Lima e R. Sarró (orgs). *Terrenos Metropolitanos, ensaios sobre produção etnográfica*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.177-192.
- Pina-Cabral, J. (2008), Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. *Mana* 14 (1): pp. 61-86.
- Patriarca, M. (2012), Como nos tornamos antropólogos? Imprevisto e mutualidade na constituição do terreno etnográfico da saúde mental em Lisboa". *Etnográfica*, 16 (3): pp. 589-615.
- Viegas, S.; Mapril, J. (2012), "Mutualidade e conhecimento etnográfico". *Etnográfica*, 16 (3): pp. 513-524.
- Weber, F. (2009). *Trabalho Fora do Trabalho. Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Wilson, R. (2004), "The trouble with truth: anthropology's epistemological hypochondria". *Anthropology today* 20 (5): pp 14-17.